REFLEXÃO

A PANDEMIA, O AGRO E A MUDANÇA CULTURAL

LUIZ CARLOS CORRÊA CARVALHO

Presidente do Conselho Diretor da Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG)



Quem come do fruto do conhecimento é sempre expulso de algum paraíso.

Melanie Klein, psicanalista

DESDE MARÇO de 2020, o mundo recebeu uma enorme onda de ruptura com a COVID-19, cujos impactos ainda não são bem compreendidos. Olha-se para a fase histórica da gripe espanhola e se tem esperança, enquanto a leitura de Bill Gates sobre o futuro e os vírus mutantes nos obriga a fazer uma certa reflexão. A crescente digitalização em todos os setores foi um bálsamo durante o período da pandemia e cristalizou para todos – e, em particular, para o Brasil – o que de fato é importante.

Custos vêm sendo reduzidos de forma impressionante nas empresas com *home office*. As reuniões online viabilizaram a participação de renomados consultores e cientistas internacionais, com custos muito menores. Mas, maior do que isso, foi o entendimento pela população urbana de como o agro enfrentou o momento, se fez presente nas produções e seguiu batendo recordes no Brasil.

Além do que se comentou até aqui, a pandemia mostrou os seguintes aspectos:

- o agro (leia-se as pessoas que trabalham nele) expôs-se ao vírus para poder alimentar;
- gerou empregos durante a pandemia;
- expandiu exportações e representou 27% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro em 2021; e
- seguiu ganhando produtividade e competitividade – e de forma sustentável.

Muito se falou sobre o desmatamento da Amazônia, e, de fato, o impacto foi negativo para a imagem do País. Pouco, no entanto, se procurou fazer no sentido de ajudar a mudar esse vetor além de diagnósticos e críticas. Esse tema pesa sobre todas as cadeias produtivas brasileiras e permeou todo o debate na COP-26, em Glasgow. Pode esse tema subvalorizar todo o encanto da tecnologia tropical desenvolvida neste Brasil pioneiro? Podemos citar a integração Lavoura-Pecuária-Floresta (iLPF), o plantio direto, os biocombustíveis, entre outros.

Há que se refletir sobre esse fato durante uma severa pandemia em um país onde o agro é extremamente relevante em termos econômicos, socioambientais e tecnológicos.

O mundo começa a discutir sobre o carbono, e o Brasil já vende certificados (os créditos de descarbonização – CBios). Começa-se a falar no interesse do não competitivo, em carros elétricos e emissões, sem considerar as emissões da produção de energia. A COP-26 cristalizou a visão que se deverá ter da metodologia de medição de carbono emitido no conceito "berço ao túmulo".

"Descarbonizar" é a palavra da mudança, que acelera a bioeconomia, pressiona o agricultor para a certificação, coloca a usina e o rastreamento sob o olhar do comprador, que, por sua vez, precisa atender as expectativas de um consumidor cada vez mais exigente.

Não se questionam a competência do produtor e a formidável sustentabilidade dos produtos brasileiros, mesmo com o custo elevado para preservar florestas (como Áreas de Preservação Permanente e Reservas Legais). Ainda assim, países competidores criam mecanismos de precaução e usam o desmatamento na Amazônia para barrar os nossos produtos no mercado internacional.

Ações contra o ilegal são requeridas. Mover o mundo privado junto ao poder público é essencial. Apoio ao legal é a chave; é patriotismo! ■

Durante a pandemia, o agro expandiu exportações e, em 2021, representou 27% do PIB brasileiro.